BREVE HISTÓRIA DA MODA DA DÉCADA DE 1980: UMA VIAGEM NO TEMPO PELA CRONOLOGIA GLOBAL E LOCAL (PELOTAS/RS)

A BRIEF HISTORY OF 1980S FASHION: A TIME TRAVEL THROUGH GLOBAL AND LOCAL CHRONOLOGY (PELOTAS/RS)

Laiana Pereira da Silveira
UFPEL
laianasilveira@gmail.com

Francisca Ferreira Michelon
UFPEL
fmichelon.ufpel@gmail.com

PROJÉTICA

DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVEIRA, Laiana Pereira da; MICHELON, Francisca Ferreira. Breve história da moda da década de 1980: uma viagem no tempo pela cronologia global e local (Pelotas/RS). **Projetica**, Londrina, v. 17, n. 1, 2026. DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.53007. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/53007.

DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.53007

Submissão: 09/05/2025

Aceite: 01/02/2026

Resumo: O artigo analisou a moda no período da década de 1980, na cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Utilizou jornais da época para observar as tendências globais e influências locais. A pesquisa neste tipo de fontes históricas possibilitou identificar elementos da cultura pop e as influências artísticas. Observou-se também a coexistência de estilos contrastantes e a contribuição das subculturas para a diversidade fashion. Ícones como Lady Diana, Madonna e Jane Fonda influenciaram a região por meio da mídia de massa, e essas referências se mesclaram com manifestações de liberdade de expressão, ao lado de elementos da moda europeia tradicional. Concluiu-se que, durante a transição política do país para a democracia, Pelotas refletia a possibilidade de um novo tempo, no qual os ares conservadores ainda pairavam, mas já não eram mais hegemônicos, indicando uma lenta, mas progressiva, mudança de modos e costumes.

Palavras-chave: Pelotas/RS; tendências de moda; história da moda.

Abstract: *The article analyzed fashion in the 1980s in the city of Pelotas, in southern Rio Grande do Sul. It used newspapers from the period to observe global trends and local influences. Research into this type of historical source made it possible to identify elements of pop culture and artistic influences. It also observed the coexistence of contrasting styles and the contribution of subcultures to fashion diversity. Icons such as Lady Diana, Madonna, and Jane Fonda influenced the region through the mass media, and these references merged with expressions of freedom of expression, alongside elements of traditional European fashion. It was concluded that, during the country's political transition to democracy, Pelotas reflected the possibility of a new era, in which conservative attitudes still lingered but were no longer hegemonic, indicating a slow but progressive change in manners and customs.*

Keywords: *Pelotas/RS; fashion trends; third and history of fashion.*

INTRODUÇÃO

A pesquisa começa com a investigação do passado de uma temática específica. Neste caso, sendo o objeto central a moda feminina na década de 1980 em Pelotas, foi essencial compreender o contexto da história da moda mundial e nacional durante o período.

Para situar o estudo, é importante contextualizar Pelotas, uma cidade universitária localizada no sul do Rio Grande do Sul. Banhada pela Laguna dos Patos, a cidade se desenvolve acerca do comércio. Historicamente, Pelotas é conhecida pelo período dos charqueadores e, por estar próxima ao porto da cidade de Rio Grande, que funciona como importante porta de entrada e saída de diversos produtos da região. Além disso, está acerca da fontreita com o Uruguai e não muito longe da capital do estado, Porto Alegre. A partir desta contextualização, compreede-se seu intenso papel como polo regional.

O estudo sobre a prática social do vestir em Pelotas na década de 1980 justifica-se pela união de aspectos metodológicos e contextuais que tornam o recorte espacial e temporal originais para a história do vestuário.

Primeiramente, o estudo é desenvolvido dentro do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), cujo objetivo é identificar e resgatar a memória da moda local. Fazendo parte de um estudo maior, onde uma das etapas metodológicas foi a realização de entrevistas com mulheres que vivenciaram a juventude na cidade. Devido a falta de material bibliográfico específico sobre a moda nesta região e período, as fontes orais e históricas, como os jornais, tornaram-se essenciais para compreender e documentar os modos de vestir e suas conexões culturais. Para este estudo específico, apresentaremos o que foi identificado sobre a moda local na fonte impressa.

Em segundo lugar, Pelotas apresenta um contexto socioeconômico de destaque para a região. Onde sua posição como polo regional, historicamente atriau o olhar e influência de municípios ao redor. Tanto essa característica, quanto a sua tradição no comércio, sugere uma dinâmica singular na absorção e distribuição das tendências de moda dos anos 80. Portanto, estudar a cidade permite ir além das capitais, analisando como a moda global e nacional foi identificada, adaptada, interpretada e consumida por uma sociedade local, explorando a complexidade das relações presents entre moda, economia e identidade.

Apesar das características apresentadas acima, a ausência de material bibliográfico sobre os modos de vestir das mulheres na cidade durante o período eleito, foi fato que obrigou a pesquisa a retraçar os caminhos investigativos, e colocar em evidência a importância das fontes históricas – especialmente os jornais - para este estudo.

Quanto ao período temporal investigado, a década de 1980 foi marcada por aspectos importantes que influenciaram comportamentos e formas de consumo. Foi um período no qual a mídia televisiva adquiriu maior liberdade, ainda que não de imediato e passou a veicular programas que dilataram influências da cultura pop no estilo de vida de diferentes grupos sociais. Tal liberdade fez parte das mudanças paulatinas no cenário político nacional. Ainda que o dominante em cidades fora do eixo metropolitano das capitais fossem os canais de televisão que em tempos futuros seriam chamados de abertos, as mudanças ocorreram. Igualmente aconteceu em Pelotas. Por tal motivo, entendeu-se a importância de investigar a moda durante esse período, da perspectiva macrorregional para a microrregional, o que levou a se considerar a história da moda pelo viés internacional, nacional e regional.

Sob tal aspecto, Anne Hollander afirma que “em razão de sua enorme base emocional, a moda reflete sempre a índole da história; mas não é realmente perfeita como espelho, exceto como um indicador temporal” (Hollander, 1996,

p. 30). Portanto, investigamos para nos aproximar do passado através das fontes que apresentam o vestuário da época, cientes de que não há uma similaridade fiel desse ao tempo vivido.

Este levantamento serviu como instrumento auxiliar para a construção da pesquisa de mestrado da primeira autora[1], sob orientação da segunda autora. Nessa pesquisa, analisaram-se como as mudanças sociais que estavam ocorrendo durante um período de transição política no Brasil influenciaram a maneira como um grupo específico de mulheres que vivia em uma cidade com uma tendência notadamente conservadora no sul do Brasil, se expressava. Portanto, através da abordagem de viés histórico, reflete-se sobre a relação da roupa com a sociedade.

Observa-se na escrita que estarão presentes aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, entre outros, que tenham sido relevantes no período e influenciado de alguma forma — direta ou indiretamente — o consumo de objetos que compreendem a categoria vestuário-moda. Ressalta-se que o ato de se vestir está diretamente ligado à construção social. A partir deste ponto, toma-se como base a perspectiva de Diana Crane, que destacou, por meio de estudos sociológicos, o papel do vestuário como objeto de poder e influenciador dos comportamentos sociais (Crane, 2009). A autora percebe a vestimenta como um instrumento para a identificação de grupos que compartilham comportamentos ou estilos de vida similares.

Outro aspecto essencial a ser considerado é que, por se tratar de um estudo regional situado na extremidade sul do país, foi preciso considerar o tempo necessário para que as tendências de moda, difundidas em diversas partes do mundo, alcançassem essa localidade. Com base nessas reflexões, enfatizou-se a

1 Dissertação intitulada "O vestuário como suporte de recordação: lembranças da juventude pelotense (1980-1989)", defendida em 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8482.

importância do vestuário na cultura material, bem como reafirmou-se a relevância da moda. Além de seu papel utilitário original, a vestimenta também assumiu e assume funções fundamentais em outros aspectos da sociedade, consolidando-se como um elemento cultural significativo.

Estudar o vestuário nos diversos níveis de sua construção, bem como interpretá-lo fundamentado em uma pesquisa historiográfica, valida-o como um artefato importante à cultura material. Com sua decodificação e autenticidade, é possível atribuir significado e ligá-lo a uma cultura, sendo suporte para memória, auxiliando no preenchimento de lacunas da história e testemunho de sua época. Há fatores importantes a serem considerados na leitura temporal que realizamos nas diferentes camadas territoriais. E por meio da observação desses fatores, poderão ser identificados quais aspectos tiveram influência para mudanças.

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA INVESTIGATIVA SOBRE O VESTUÁRIO

A construção deste estudo deu-se por meio da revisão bibliográfica e, em complemento, optou-se por realizar um segundo procedimento metodológico, que consistiu na pesquisa em fontes primárias.

Nessa etapa da investigação, o foco foi o arquivo do jornal Diário Popular, encontrado no Acervo de Documentações da Bibliotheca Pública Pelotense, e o do jornal O Globo, acessado em seu acervo digital. De acordo com Bacellar, "a consulta aos acervos documentais é sempre uma ideia bastante atraente aos que se iniciam na aventura da pesquisa histórica" (Bacellar, 2008, p. 52). Essas fontes proporcionaram conhecer o vestuário da época em Pelotas e em outras cidades do país, respectivamente, permitindo uma compreensão mais profunda do cenário cultural da sociedade local e dos padrões de vestimenta do período.

Ainda que reconheçamos a particularidade de utilizar a imprensa como fonte histórica, é fundamental considerar que os jornais são produtos de uma construção editorial. Os profissionais responsáveis por sua produção precisaram selecionar quais eventos noticiar, o que significa que nem toda a história do passado está registrada nessas publicações. No entanto, compreender os critérios de seleção, os motivos por trás das escolhas feitas e o que foi omitido — e porque foi omitido — são aspectos essenciais a serem analisados ao se utilizar esse tipo de fonte em pesquisas históricas.

Embora não seja possível responder a tais perguntas em um estudo com objetivo restrito como este, é necessário considerar estes aspectos sobre a fonte pesquisada para entender que existem diversas perspectivas sobre um mesmo período, local e fato. Portanto, não há uma verdade única sobre o passado veiculado nestas fontes e, principalmente, o dever do investigador que se debruça sobre tais materiais é o de observá-los com olhar crítico. Por isso, Bacellar também reforça que "a paciência é arma básica do pesquisador em arquivos" (Bacellar, 2008, p. 53).

Em relação à pesquisa documental realizada em acervo físico, durante a pandemia (2020) e devido à limitação de dias de acesso às fontes, optou-se por analisar somente um jornal. Escolheu-se o Diário Popular por ser o único em circulação na cidade durante o período pesquisado, e por fornecer informações sobre moda em suas colunas e demais matérias sobre a sociedade local. Em função do tempo disponível para pesquisa no acervo, o recorte temporal da pesquisa documental foi: 1980, 1985 e 1989, considerando os meses de janeiro, dezembro, abril e setembro.

A escolha deste recorte temporal deu-se pelo grande volume de material encontrado no acervo físico e pelo tempo limitado disponível para acessá-lo. Dos três dias possíveis de visita, havia apenas quatro horas por dia destinadas à consulta dos jornais no acervo. Em um primeiro momento, observou-se que o tempo médio para a leitura de um mês completo era de aproximadamente uma hora. Dessa forma, optou-se pela seleção dos meses de janeiro e dezembro, pois os meses de transição

de ano apresentam informações de caráter retrospectivo, no caso de dezembro, resumindo pontos importantes do ano que está encerrando, e no caso de janeiro, projeções para o ano que inicia.

Os meses intermediários, abril e setembro, foram escolhidos por representarem estações diferentes (outono e primavera, considerando o território nacional, visto que o estudo desta fonte seria para saber sobre os modos de vestir local). Essa sazonalidade é fundamental para estudos sobre o vestuário, pois permite observar a veiculação de informações e imagens que demonstram a adoção de diferentes vestuários conforme a mudança do clima e das tendências de cada estação que se apresentava disponível para o público de consumidores locais.

Já a pesquisa documental realizada em acervo digital consultou o jornal O Globo, utilizando como recorte temporal de pesquisa os mesmos anos da pesquisa no Diário Popular. O acervo digital foi investigado posteriormente ao acervo físico, e o filtro foi aplicado a partir das palavras-chave referentes a *topless* e *power dressing*. Para este estudo, foram escolhidas matérias que abordassem o cotidiano, publicidade de lojas e a coluna de moda específica do jornal.

A MODA GLOBAL DA DÉCADA DE 1980: UM BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO

Iniciamos as buscas referentes à moda da década de 1980 e nos deparamos com a definição trazida pelo pesquisador de história da moda João Braga, que explica o período da seguinte forma: “Os anos de 1980 trouxeram-nos uma verdadeira profusão de influências e contrastes, em que opostos começaram a conviver em harmonia, ambos sendo aspectos da moda” (Braga, 2004, p. 95).

O início da década foi marcado pelo casamento real de Lady Diana Spencer com o Príncipe Charles (Reed, 2014). Todos estavam atentos à cerimônia, mais precisamente 750 milhões de pessoas, e o icônico vestido de noiva foi um dos grandes focos. A princesa “definiu o estilo de elegância jovem e descomplicada para

a nova geração da realeza e ganhou status de estrela da década" (Reed, 2014, p. 38). Foi através do vestuário deste período que a jovem princesa passou a ser vista como a soberana Princesa Diana, por meio de seus vestidos de gala imponentes e tailleur sofisticados, transformando sua imagem.

Houve a transição da moda de fenômeno *fashion* e descontraído para um fenômeno voltado aos negócios. Por meio de atrações televisivas, foi possível disseminar massivamente a exuberância do que as atrizes usavam. Um dos primeiros *must-have* da década foi o *power suit*: "com cintura afunilada que foi sucesso na década de 1980. Enfeites como rendas, brocados, peles e joias deixavam a silhueta angulosa com ombreiras ainda mais elaborada" (Reed, 2014, p. 8).

Durante essa época, ocorreu uma mudança significativa no ambiente profissional, com as mulheres adotando um estilo de vestir mais formal para ganhar credibilidade e respeito, abandonando as roupas mais casuais e aderindo a conjuntos de alfaiataria discretos. Esse novo modo de se vestir, conhecido como *power dressing*, tinha como característica marcante o uso de ombreiras em blazer e vestidos de corte reto.

O estilista americano Ralph Lauren, que emergiu nos anos 80 com a introdução do *sportswear*, via a moda como uma forma de expressão ligada à identificação com um grupo ou à adoção de um estilo de vida. Ralph defendia que tanto o senso de pertencimento quanto a adoção de um estilo deveriam proporcionar bem-estar ao indivíduo e estar acessíveis, pois a moda deveria ser uma experiência agradável e não um fardo.

No início da década até sua metade, surgiu o que foi chamado de *Buffalo suit*, onde estilos de rua e elementos de moda geraram subculturas. "O Buffalo era andrógino em vários sentidos... as mulheres não eram mulheres e homens não eram homens" (Lorenz *apud* Stevenson, 2012, p. 232). Inspirado nos punks jamaicanos, nos *new romantics* e nos *rude boys*, o mix gerou a imagem do *Buffalo suit*.

A colaboração entre a *designer* britânica Vivienne Westwood e seu esposo Malcolm McLaren exemplificava a sinergia entre moda e música. Nesta década, a música exerceu uma influência significativa na moda, influenciando as tribos urbanas e os estilos de vestuário adotados por grupos musicais. Stevenson destaca a comercialização do estilo punk em 1981, quando Westwood e McLaren apresentaram na passarela a coleção chamada Pirates, inspirada em um novo movimento, os *New Romantics*. Além dessa coleção, houve também a B*uffalo Gals*, cujo nome inspirou um single do álbum *Duck Rock* de McLaren, lançado em 1983.

Na Inglaterra, o estilo *new romantics* deu origem à banda Duran Duran, que trouxe uma nova perspectiva para os padrões de vestimenta das bandas da época. Em contraste com os punks, conhecidos por sua estética rebelde e desalinhada, os new romantics combinavam peças vintage com itens modernos e excêntricos, criando um cenário onde a criatividade na moda musical praticamente não tinha limites. Reed complementa:

> A Inglaterra foi palco de uma revolução de estilo marcada pela combinação de passado, presente e futuro, mais sexo e gênero, todos mesclados em um grande pot-pourri caleidoscópio. Valia tudo: adereços velhos, novos e emprestados eram usados para criar a nova roupa do imperador pós-moderno (Reed, 2014, p. 32).

Através da análise histórica, elementos do passado serviram como fonte de inspiração para coleções futuras. Grupos sociais apropriaram-se das vestimentas para estabelecer suas identidades de maneira única e mutável.

Por outro lado, enquanto os músicos exploravam a moda para expressar suas identidades, a burguesia buscava nas roupas um símbolo de posição social. As casas de haute couture prosperavam, atendendo à demanda dessa classe por não somente se vestir com roupas caras, mas também por exibir o prestígio das marcas de luxo em outros setores de consumo. Isso levou ao lançamento de uma variedade de produtos, como artigos esportivos e malas de viagem, pelas grifes de moda.

No cenário musical dos anos 80, além do que já foi constatado acima, o pop também começava a se consolidar. A cantora Annie Lennox emergiu com um estilo de androginia chique que provocava questionamentos sobre sua sexualidade e identidade. Seu uso de alfaiataria, que não se enquadrava em categorias de gênero definidas, confundia os padrões da época, sua imagem era transgressora. Outro nome da música que usava o palco para desconstruir as questões de gênero implementadas pela moda foi o cantor Prince, ousado nos figurinos inspirados no Rococó, caracterizado com um ar andrógino. Ele usava e abusava das transparências e dos babados em chiffon. Seu figurino era composto por shorts extremamente curtos, meias justas até a altura da coxa e salto alto, além da maquiagem. A preocupação do cantor em relação ao cenário musical estadunidense era "flexibilizar a ideia de gênero" (Reed, 2014, p. 58), ele usava seu figurino para confirmar a ideia.

Graças a esse cenário musical, à moda de rua e à vida noturna londrina, a cidade recebeu a atenção dos coolhunters, e em 1982 a Semana de Moda de Londres já disputava as datas mais cobiçadas do calendário de moda internacional. Enquanto isso, em Paris, no ano de 1981, diante de um contexto de mudança, agitação social, insatisfação da população perante a economia estagnada e o desemprego em alta, eis que surge Jean Paul Gaultier, trazendo os clássicos paradoxalmente, como afirma o próprio (Reed, 2014). Tendo como marca registrada de suas criações a irreverência e ambiguidade sexual, em 1985 ele explorou como tema de coleção a androginia, trazendo às passarelas homens de saia.

Segundo Reed (2014), um dos momentos cruciais para a moda dos anos 80 aconteceu em 1984, quando a designer britânica Katharine Hamnett se encontrou com a primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, vestindo uma de suas icônicas camisetas de protesto, que trazia uma mensagem contra a instalação de uma base de mísseis na Inglaterra. As criações de Hamnett eram funcionais e inspiradas em uniformes utilitários, confeccionadas com tecidos resistentes e confortáveis, como o algodão, o que as tornou um grande sucesso comercial.

Utilizando camisetas de algodão, a estilista desenvolveu peças práticas e versáteis que transmitiam mensagens diretas e tendo sido adotadas por jovens desassossegados da época. A moda, mais uma vez, caminhou lado a lado com a indústria musical, pois bandas de pop que buscavam passar uma mensagem de conscientização para seus fãs começaram a usar as camisetas de Hamnett (Cochrane, 2015).

Entre 1983 e 1984, a rainha do pop, Madonna, estava em ascensão. "A imagem que a então rainha do pop comunicava era de crucifixos, luvas sem dedo e cabelos desgrenhados amarrados com um laço frouxo" (Reed, 2014, p. 52), mais um mix de peças de brechós. Com um estilo camaleônico, ela tinha o mundo da moda aos seus pés. Através de seu estilo, os adolescentes da época tornaram-se um segmento mais individualizado e o empoderamento entre as mulheres jovens teve seu início, com leggings rasgadas, rendas e pulseiras de borracha.

Os programas de televisão, incluindo novelas e filmes, também foram influenciadores culturais significativos e definidores das tendências de moda dos anos 80. Em uma busca incessante por audiência, havia um investimento substancial em figurinos que chamavam a atenção dos espectadores, desde produções opulentas e luxuosas até aquelas que retratavam a juventude rebelde.

O estilo de vida saudável chegou nesse período com a aeróbica, onde a moda era ter o corpo malhado, perfeito e esbelto. A estrela de cinema Jane Fonda foi um nome muito forte para o movimento fitness. "Seu primeiro vídeo de exercícios foi lançado em 1982, e o consumo entre os proprietários de videocassete, então um aparelho de ponta no filão de eletrônicos, alcançou vendas de quase 1 milhão" (Reed, 2014, p. 68). Sua influência no comportamento desta geração era inegável, tornando o fitness um estilo de vida com vários seguidores. Braga complementa:

> [...] o culto ao corpo se fez presente com a onda de frequência às acadêmicas de ginástica. Os que aderiram a esse novo modo de vida privilegiavam um alto astral relacionado à prática esportiva ou somente

> à malhação, deliberadamente trabalhando o corpo e exibindo-o em roupas justas e normalmente muito coloridas. Foi a moda também da roupa tão justa e de tecidos tão finos que eram denominados "segunda pele" (Braga, 2004, p. 97).

Esse estilo de vida trouxe como principais preocupações a boa forma através da malhação. Malhar era uma condição de beleza, jovialidade, saúde e sex appeal, e neste momento a indústria voltada para esse grupo começa a crescer. Na categoria das roupas, havia praticamente um uniforme aderido por todos: "bermuda de ciclista, bandana, blusão de moletom e polainas viraram roupas para usar na rua, e a Lycra" (Reed, 2014, p. 68).

De acordo com Stevenson, o visual era composto por "Lycra com glitter, jeans stretch, calcinhas justas e collants" (Stevenson, 2012, p. 225). Vestidos de Lycra com amarrações nas laterais também eram peças-chave do período, aposta do estilista tunisiano Azzedine Alaia. A Lycra caiu no gosto dos consumidores, pois oferecia conforto e mobilidade em seu uso, o que era necessário tanto para os grupos assíduos das academias quanto para quem queria se acabar nas pistas de dança.

Considerando os acontecimentos apresentados, os principais nomes da moda, fatores culturais e sociais cruciais da década de 1980 no contexto mundial, entende-se que os elementos apresentados foram os que obtiveram mais destaque na época e puderam, de certa forma, influenciar na vestimenta da sociedade, inspirando-a também no comportamento.

Exemplo disso é a mudança de nomenclatura de unissex para um novo conceito, o andrógino. O importante naquele momento era entender que "as características visuais pertenciam a todos com sutis peculiaridades do que era do masculino e do que pertencia ao feminino" (Braga, 2004, p. 97). Na perspectiva de Braga, a década de 1980 foi marcada pelo individualismo:

> A liberdade de expressão pela individualização nas roupas foi de uma importância nesse período, paradoxalmente às tendências e à fidelidade visual como símbolo de pertencimento a uma tribo específica de moda. [...] os anos de 1980 na moda foram a maneira de ser igual entre os diferentes e, ao mesmo tempo, diferente entre os iguais de uma outra tribo (Braga, 2004, p. 100).

Schmitt e Sanchez reconhecem a opulência do vestuário da década. Chamar atenção estava na moda, seja nas cores ou nos volumes, ou ainda na mistura de ambos os elementos. Volumes e exageros estavam presentes nas ombreiras. Reforçam também a questão de que a moda esportiva estava em alta devido ao culto à beleza e ao corpo malhado (Schmitt; Sanchez, 2019, p. 240).

Após explorar a história da moda mundial nos anos 80, percebemos a grande conexão com a música em diversas localidades, assim como gêneros diferentes. É essencial mergulhar na moda nacional do mesmo período. Além da influência televisiva, dos novos nomes da criação de moda, as novas tecnologias têxteis, e acontecimentos pontuais que desencadearam as práticas de consumo do período, como o casamento real.

A HISTÓRIA DA MODA DA DÉCADA DE 1980 NO BRASIL

Diversos são os fatores característicos desta década. Considerando o início dela como um período de comemoração no cenário nacional, considerando o término do período conturbado que foi a ditadura militar no país (Scaizo, 2009), a sociedade começava a identificar ares de liberdade e otimismo. O final da década anterior foi marcado por elementos cruciais para pensar a década de 1980.

Quanto às questões comportamentais referentes à moda, "[...] ela foi profundamente ligada ao poder. Passado o período de crítica e rebeldia dos anos 1970, vieram a acomodação e o tradicionalismo. O sucesso estava ligado à imagem" (Scaizo, 2009,

p. 15). Surgiram manuais de como se vestir e etiqueta de boas maneiras. No Brasil, Lady Di foi considerada a "grande garota-propaganda do sonho conservador" (Scaizo, 2009, p. 16), os impactos do casamento real refletindo no cenário nacional.

As discotecas — resquícios da década anterior — trouxeram o exagero nas cores, como apontou Braga. Assim, pode-se identificar elementos da moda internacional presentes na moda nacional através das "cores, tamanhos dos acessórios, volume e estrutura das roupas, volume e cacho nos cabelos" (Scaizo, 2009, p. 16). Calças de cintura alta e pernas largas, conhecidas como baggy, e saias balonê com volume próximo à barra eram peças-chave. Para complementar o vestuário, havia os camisetões largos e volumosos. E o contraste ficava por conta dos blazers bem estruturados e com ombreiras. Scaizo define:

> Tudo estruturado, ombros quadrados, acessórios geométricos, verdadeiras armaduras. As cores berrantes dos tecidos sintéticos invadiram os acessórios e a maquiagem. O batom era pink. [...] A calça legging de lycra era usada nas academias e nas ruas, acompanhadas de polainas coloridas e camisetas com manga morcego (Scaizo, 2009, p. 16).

Nesta época, os vídeos de ginástica aeróbica que tinham como garota propaganda a atriz Jane Fonda também chegaram ao Brasil para influenciar no estilo de vida. A era fitness, o culto ao corpo malhado, a preocupação com a saúde, alimentação e estética também estavam presentes no território nacional. Refletindo diretamente nas práticas de consumo, "nessa época, Barbie Fitness foi a Barbie mais vendida, com roupinha de lycra, polainas coloridas e rabo de cavalo. Surgiram as revistas especializadas em boa forma e cuidados com o corpo" (Scaizo, 2009, p. 23).

A transformação do papel da mulher no mercado de trabalho brasileiro acompanhou uma tendência global: as mulheres começaram a competir diretamente com os homens no ambiente corporativo. Conforme podemos ver na publicação do jornal

O Globo do dia 26 de setembro de 1980 (Figura 1). Desde o início da década a mulher se mostrava disposta a conquistar novos espaços.

Figura 1 - Ilustração de reportagem sobre a mulher no mercado de trabalho.



Fonte: A Mulher [...] (1980, p. 6)

Em outra matéria, sobre o dia das mães das mulheres no Brasil, é evidente o acumulo de funções acarretado por essa escolha de ingressar no mercado de trabalho. Na matéria do dia 11 de maio de 1980, caderno Jornal da Família, também do jornal O Globo diz, "quando sai para o trabalho, divide o serviço doméstico com a empregada, a filha mais velha ou simplesmente acumula suas funções para o final do dia" (Dia [...], 1980, p. 6), ou seja, nesse recorte podemos perceber a responsabilidade depositada em três figuras diferentes, todas femininas. Ainda se fala sobre o problema da mãe ausente, que rejeita o filho, sai para trabalhar, e que deixa a criança abandonada.

Ainda que em muitos períodos históricos, a conquista de espaço pela mulher fosse marcada por conflitos, na década de 1980, para reforçar sua presença e autoridade, elas utilizaram o vestuário como ferramenta de comunicação, adotando um estilo mais sóbrio e com influências masculinas. Este segmento emergente de profissionais foi apelidado de yuppies, e Scaizo destaca que:

> No universo dos yuppies, o momento era de afirmação da mulher no mercado de trabalho. As ombreiras ajudavam, transmitiam estrutura e poder. Depois de muita paz e amor, a mulher entrou numa guerra por espaço e precisava de uniforme para isso. Ela achou que devia brigar usando as armas masculinas (Scaizo, 2009, p. 17).

Um dos objetivos era a busca por igualdade de gênero e salarial no mercado de trabalho brasileiro. Em matéria no jornal O Globo, do dia 16 de novembro de 1980, cujo título era "Projeto põe a mulher em igualdade com o homem na sociedade conjugal", trata da proposta da deputada Lúcia Viveiros do PP-PA, de criar uma lei onde assemelharia as condições financeiras da mulher ao homem, assemelhando também sua posição dentro de casa enquanto alguém que pode sustentar o lar tanto quanto o marido (Projeto [...], 1980). Sabemos que, se a mulher tivesse mais poder aquisitivo, consequentemente, ela poderia se tornar uma consumidora de vestuário mais ativa, ainda mais em um momento que no Brasil a posição social através do vestuário estava cada vez mais presente.

No Brasil, o jeans passou a ser visto como uma peça de luxo, integrando-se ao guarda-roupa de alta qualidade. Essa tendência rapidamente se consolidou entre os jovens, tornando-se um item de desejo consumido em grande escala. As etiquetas, antes escondidas, foram redesenhadas e passaram a ser exibidas externamente nas roupas. Isso permitia que a marca fosse facilmente identificada e se tornasse um indicador da posição social de quem a vestia. O jeans da marca americana Levi Strauss & Co. foi um exemplo dessa moda, com sua etiqueta de tamanho notável na parte traseira da calça, que se tornou um símbolo de status.

Assim como Stevenson destacou o jeans stretch, Scaizo ressalta a importância das tecnologias têxteis que chegaram ao Brasil na mesma época. As fibras sintéticas passaram a apresentar qualidades superiores, tornando-se mais similares às fibras naturais. O uso do plástico se expandiu significativamente, sendo incorporado em roupas, acessórios e calçados. Materiais como elastano e jeans stretch se tornaram comuns nos produtos de vestuário vendidos em lojas da cadeia de moda nacional.

Scaizo também menciona o surgimento de um novo conceito de lojas, que refletiam as mudanças e demandas do mercado de moda na época.

> Grandes lojas de moda, como a C&A e a Mesbla, trouxeram um novo conceito de atendimento – o autoatendimento, em que o cliente se servia sozinho nas araras da loja – e democratizaram as tendências. O que essas grandes redes vendiam não estava mais tão distante do que se passava no universo das butiques e das grifes (Scaizo, 2009, p. 21).

A televisão teve papel fundamental para ditar o que estava na moda. Aqui é possível identificar o boom da influência que os figurinos usados nas novelas tiveram nos telespectadores, pois o que aparecia na televisão logo estava nas lojas e com grande procura pelo consumidor e a influência da cultura popular na redefinição das identidades sociais (Crane, 2009). No início da década, a marca registrada dessa disseminação em massa foram os biquínis asa-delta, com cores vibrantes, vistos nas praias, peça-chave presente na abertura da novela Água Viva.

Outro comportamento que ganhou as ruas e as areias da praia foi o que a autora chama de "o verão das diretas" (Scaizo, 2009, p. 24), apropriando-se do vestuário como forma de protesto. No verão de 1984, modelos foram às ruas vestindo camisetas com frases de impacto, demonstrando o posicionamento em defesa das eleições, como protesto. Com o fim da censura nas mídias, retomamos o assunto das novelas exibidas no período. A pesquisadora Esther Império Hamburger (2007) relata em sua pesquisa a influência que as novelas tiveram na vida da sociedade brasileira. A mídia foi um instrumento que alcançou a todos, tornando-se um fenômeno ao qual as pessoas idealizavam sonhos a serem vivenciados, tornando-se uma cultura de massa. Hamburger evidencia que:.

> A consolidação da indústria coincide, na história, com mudanças demográficas como a entrada da mulher na força de trabalho, a redução do número médio de filhos por família, o aumento do número de divórcios e a rápida urbanização (Hamburguer, 2007, p. 158).

Através dos enredos das novelas, estava a interpretação dos autores do que representava a identidade nacional, trazendo o ideal de estrutura familiar, atualizando as tendências comportamentais com elementos inovadores para atrair mais telespectadores e valorizando sua estima comercial, considerando um espaço privilegiado para a divulgação de produtos e marcas. Bonadio e Guimarães comentam sobre a importância das novelas no cenário cultural e comportamental brasileiro:

> As telenovelas teriam um papel significativo no 'processo civilizador' da população que nesse período se urbanizava mais intensamente e que precisava de referências de consumo para se integrar a esse novo mundo. É essa sintonia com as aspirações da audiência que faz com que as novelas consigam se integrar no cotidiano das pessoas e se tornem aspectos do comportamento e do consumo (Bonadio; Guimarães, 2019, p. 161, aspas das autoras).

Roque Santeiro foi a novela de maior audiência do horário das 20h na década de 1980, o que chamou atenção dos pesquisadores de tendência e comportamento da época. Portanto, pode-se compreender o sucesso que a personagem viúva Porcina, interpretada por Regina Duarte, teve. Com um repertório de figurino característico da época, elementos diversos desde: cores vibrantes e volumes, o uso do turbante e a maquiagem marcante. Bonadio e Guimarães comentam: "De roupas espalhafatosas e de cores fortes, cabelos repicados, encaracolados e maquiagem carregada, a personagem lançou o 'Porcina's look'" (Bonadio; Guimarães, 2019, p. 171, aspas das autoras). As autoras também deixam claro as referências internacionais para construir o figurino da personagem, "que misturava os laços nos cabelos utilizados pela cantora Madonna — então em plena ascensão — com os exageros das modas propagadas por nomes da moda europeia como Karl Lagerfeld para Chanel e Moschino" (Bonadio; Guimarães, 2019, p. 171).

Hamburger (2007) observa o aumento da representatividade feminina nas tramas de novelas televisivas, com personagens que iam além do estereótipo da "mocinha"

tradicional, incorporando atributos como independência, extravagância e liberdade. Dada a acessibilidade e o alcance das novelas como forma de entretenimento, é relevante notar que os figurinos dos personagens muitas vezes ditavam tendências que rapidamente se traduziam em demanda por produtos similares nas lojas, levando a um esgotamento em curto período.

Esse aumento da presença feminina em diferentes formas de personagens pode ter sido influenciado pelo que as mulheres da realidade estavam buscando naquele momento. Deixar de ser a mocinha ou a dona de casa, esposa exemplar, e poder escolher entre outros papéis sociais. As práticas de sociabilidade da década foram se construindo com influências externas e também de outros períodos históricos, reforçando a aproximação existente com essa movimentação de ir e vir de elementos que inspiram a moda. Mas veremos a seguir como todos esses recursos e elementos refletiram nos costumes na vestibilidade de uma cidade ao sul do Brasil.

OS MODOS DE VESTIR EM PELOTAS/RS NA DÉCADA DE 1980

Neste item, apresentam-se os elementos principais da história da moda local com alguns acontecimentos da década de 1980, no estado do Rio Grande do Sul, com foco na cidade de Pelotas. Como explicado anteriormente, para esta seção, optou-se por realizar a pesquisa documental no jornal Diário Popular, a fim de coletar informações gerais sobre o vestuário da época na cidade. Um ponto importante é que, a partir da década de 1980, os jornalistas ficavam incumbidos de investigar o cotidiano da sociedade (Barbosa, 2007).

Na esfera regional, em 1983, houve a primeira edição do concurso de beleza Garota Verão, realizado nas praias gaúchas. O evento era promovido pelo Grupo RBS, empresa de comunicação afiliada à Rede Globo, no Rio Grande do Sul. As primeiras edições do concurso traziam na passarela as candidatas com biquínis modelo asa

delta, característico da década. É possível relacionar o modelo da roupa ao ideal de beleza, já que o biquíni evidenciava as particularidade de um corpo esbelto, com musculatura trabalhada e saudável, o que correspondia ao padrão propagandeado mundialmente. Assim sendo, essa macrotendência de beleza, que se refletia nas opções comportamentais, pode ter sido um elemento influenciador nas práticas adotadas pelo concurso.

Neste mesmo período, sabe-se da presença das boates e discotecas como forma de entretenimento cultural para os jovens, e identificamos acima a importância do cenário musical para o consumo de moda. Os espaços culturais eram diversificados; além das boates e discotecas, havia também salas de cinema como opções de entretenimento para a sociedade, que se mesclavam como formas de exercício da fruição de arte e intelectualidade, já que se desfazia, progressivamente, a censura sobre o que era exibido.

Havia matérias no jornal, direcionadas ao público feminino, nas quais assuntos como moda e culinária se misturavam, assim como, dicas de cuidados para o lar e família no geral (Em lojas [...], 1980). Apareciam muitas orientações sobre o que estava sendo tendência na Europa, tipos de tecidos que estariam em alta na próxima estação, formas de combinar as peças, etc. Pensar sobre a relação das colunas de moda voltadas ao público feminino neste período remete a um dos apontamentos levantados por Michelle Perrot. No século XX, todas as mulheres podem ser belas através do uso de maquiagens e cosméticos, de acordo com revistas femininas (Perrot, 2019), e também por meio do vestuário e da moda, que modela as aparências.

A loja Renner, estabelecimento comercial de venda de roupas para o grupo social investigado nesta pesquisa, usava o jornal como meio de alcançar seu público exibindo os produtos que tinha a oferecer. Além de imagens e um slogan criativo, trazia um release da coleção bastante atraente (Figura 2). Um exemplo é o que segue, no qual se previa a chegada da primavera: “A primavera já está florindo em Lojas Renner. Nos tailleurs, nos macacões em seda e em algodão, nas calças de

brim, nos vestidos e blusas alegres como você. Vista a moda de Lojas Renner para esta temporada e deixe a vida mais bonita" (Em lojas [...], 1980, p. 7).

Figura 2 - Publicidade de primavera, loja Renner



Fonte: Em lojas [...] (1980, p. 7)

Portanto, observamos que, além de vender produtos, a loja vendia um estilo de vida ideal através do consumo de seu vestuário, conforme observado na publicidade acima.

Ainda sobre as estações, quando chegava o verão, o ponto de encontro se tornava a praia do Laranjal, um dos balneários mais atrativos da Costa Doce, que é um importante ponto turístico da cidade de Pelotas. Era o local onde os residentes da cidade e os turistas que vinham passear desfrutavam de atividades de lazer,

assim como de seus balneários. O verão de 1980 trouxe recordes de público à praia (Diário Popular, 1980). Estava no momento da moda polêmica do topless, que enquanto em praias de outros estados já era permitida a prática, considerada uma atitude revolucionária das mulheres, no Laranjal não havia praticantes (Figura 3).

Figura 3 - Matéria sobre banhistas na praia do Laranjal


Mesmo sem topless, praias do Laranjal têm grande movimento

SEM TOPLESS, as praias do Laranjal vêm registrando seu maior movimento de público nesta temporada, observando-se, nos últimos dias (foricamente dito)

da ter perdido, pois a safra mostra tangas sumárias em profusão, consideradas mais ousadas e mesmo eróticas" do que a nudez do peito. Aliás, os mesmos peque-

onde, na verdade, os biquinis vão perdendo pouco a pouco suas dimensões". Nas praias do Laranjal e bastan

Fonte: Mesmo [...] (1980, p. 3)

Em uma reportagem do jornal Topless [...] (1980), do dia 27 de janeiro de 1980, falava-se do topless de norte a sul como a tendência favorita da temporada neste ano, mencionando praias de diversos estados, inclusive do Rio Grande do Sul, como a praia de Tramandaí. Em Porto Alegre, tal moda ainda causava estranheza. E em Rio Grande, cidade próxima a Pelotas, uma banhista que havia aderido à prática, foi agredida. Neste mesmo mês, no jornal local publicava-se uma notícia:

> Nas praias do laranjal o topless não chegou ainda, em compensação, enquanto os seios estão levemente cobertos – nem tanto – a parte inferior foi sofrendo uma redução brusca. Chegou à tanga e ela, já está sendo segura por finas tiras coloridas ou de contas brilhantes e espelhadas (Mesmo [...], 1980, p. 4).

Não somente no interior do Rio Grande do Sul houve agressões por parte da população. Conforme matéria veiculada pelo O Globo, de 13 de fevereiro de 1980, na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, duas jovens foram agredidas por praticarem o topless (Duas [...] 1980). Conforme consta na matéria, o Secretário de Segurança Pública de Aracaju proibiu a prática nas praias.

É importante ressaltar a reflexão que Giorgio Riello faz sobre trajes de praia:

> O biquíni não é apenas um pedaço de pano que a mulher veste para se bronzear, mas é um objeto-chave em uma determinada prática social da segunda metade do século XX: refere-se a um determinado estilo de vida, à emancipação da mulher, à oposição contra o preconceito de direta nas décadas de 1950 e 1960, mas também ao olhar de glamour de Brigitte Bardot ou as curvas de Pamela Anderson mais recentemente. Enquanto a história da vestimenta inscreve um objeto como o biquíni dentro de um curso estilístico e evolutivo de maiôs, que vai dos long-johns do final do século XIX ao topless, a cultura material busca, em vez disso, entender o papel desse traje dentro de uma sociedade específica e tempo e pergunta, por exemplo, de que maneiras essa vestimenta ajudou a promover a mudança social ao escandalizar os puritanos na sociedade e divertir os mais ousados (Riello, 2011, p. 6, tradução nossa).

Considerando o contexto da cidade analisada, as praias do Laranjal, principal destino litorâneo dos pelotenses, tornou-se espaço onde se observou como o biquíni que agregava, enquanto mercadoria, elementos da emancipação feminina e da contestação de valores conservadores, se apresentava ao momento de transição política que marcou esses anos. Por um lado, a influência da mídia televisiva reverberava no comércio local pela voz do jornal que, à época, chegava facilmente no público feminino de poder aquisitivo médio, portanto, aquele que interessava ao comércio. Por outro, os valores da estrutura social dos grupos aos quais pertencia tal público, resistia aos exemplos que, notadamente, refletiam mudanças. O uso dessa peça de roupa, apresentada com ares de ousadia e provocação, indicava o contraponto ao ethos de uma cidade historicamente marcada por uma elite

tradicional, sobretudo pecuarista e charqueadora. Nos anos da transição, a representação da crescente independência das mulheres encontrava meios, entre eles, o vestuário que traduzia a reivindicação por liberdade corporal.

Sabe-se que a roupa, entendida como um objeto que cobre o corpo e indica como as pessoas interagem com o mundo externo (Calanca, 2008), pode influenciar a comunicação com o outro. A roupa é uma linguagem visual (Lurie, 1997) e do corpo (Calanca, 2008), mas, igualmente, o é a ausência dela. E, dependendo do lugar e tempo, a nudez, total ou parcial, pode gerar conflitos e disputas, matrizes eficazes para atos extremos, como a violência contra um corpo não vestido. Resulta disso considerar como todos esses fatores estão relacionados à questão do vestuário enquanto expressão e controle de comportamentos.

Nos periódicos mensais abrangidos pela estação do verão, notou-se que as colunas anteriormente mencionadas traziam informações sobre as tendências de moda praia que estavam em alta (Figura 4). Em matéria do final da década, de 31 de dezembro de 1989, do Diário Popular, fala-se sobre o verão necessitar de cores vibrantes. Também mencionam as tecnologias têxteis da década, como a lycra. Fala-se das variações de modelagem dos modelos mais usados, como o asa-delta, o cortininha e o tomara-que-caia (A linha [...], 1989).

Figura 4 - Matéria sobre as tendências de moda praia



Fonte: A linha [...] (1989, p. 2)

Portanto, alguns elementos que puderam ser identificados foram: maiôs com a presença de recortes que valorizassem a silhueta do corpo feminino; a mistura de tonalidades contrastantes como preto e branco; o uso de cores fortes como roxo, vermelho e turquesa; estamparias irregulares; alças finas; drapeados; etiquetas em evidência como detalhe da peça; tomara-que-caia; "engana-mamãe", modelo que parece ser biquíni de trás, mas de frente é maiô; modelos cada vez mais cavados,

com decotes profundos. O objetivo era aumentar a área descoberta em nome de um bronzeado mais uniforme (Mesmo [...], 1980), o que por si parecia estar bem coadunado com os modos dessa sociedade, mas por outro lado, insinuavam uma liberdade controversa, nem sempre apreciável.

Dessa forma, considerando as reflexões apresentadas e a análise documental realizada sobre os aspectos vestimentares da cidade de Pelotas na década em questão, torna-se oportuno compreender a relevância do consumo na sociedade da época. Além disso, é importante investigar a relação entre a moda e o papel da mulher, entendendo como as tendências e práticas de vestuário refletiam e, ao mesmo tempo, influenciavam as dinâmicas sociais, os padrões de comportamento e a construção da identidade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos 1980, formaram uma década marcada pelos contrastes das formas na preocupação com a aparência. Não em todos os lugares, mas, seguramente, o foi na cidade deste estudo. Isso ocorria enquanto e como reflexo da ocorrência de novos conceitos na moda e também de novas práticas de consumo e estava conectado às mudanças sociais no país. No sul do Brasil, Pelotas, a antiga cidade do charque, produzido no século anterior exclusivamente por mão de obra escrava ou liberta e notadamente, dirigida por uma sociedade agropastoril, respirava, comedidamente, a possibilidade de um novo tempo. Como em todo o Brasil, foram anos de transição política, nos quais se insurgia uma incipiente democracia. Modos, gostos e costumes custariam, ainda, a mudar e os ares conservadores pairavam, mas não mais como hegemônicos.

A moda nacional era influenciada pela internacional. Via-se isso por todo lado, inclusive nos figurinos que as atrizes usavam nas telenovelas do período. Esse recurso midiático foi um sucesso e como não disputava audiência, senão dos

canais de televisão entre si, ditou muitas práticas de consumo, especialmente para quem tinha os meios para consumir. As influências das telas convergiam com os da imprensa local. Embora a pesquisa não tenha apresentado a presença das revistas de moda ou de atualidades, entende-se que tais meio compartilhavam a moldagem de estilos convincentes porque eram apresentados na figura das atrizes ou de personagens que constituíam as preferências de audiência do público nos programas televisivos. Um exemplo de tal fato, que ficou conhecido como o "Porcina's look", referia uma personagem famosa pelos figurinos.

As telenovelas foram o entretenimento televiso de maior público na época. Eram acessíveis e fartamente oferecidas, ocupando diferentes horários do dia e da noite. Sobretudo, conseguiram conquistar a fidelidade dos espectadores, que as acompanhavam diariamente, não raro como uma atividade compartilhada com a família em uma rotina regida pelos horários da programação.

Mas, para este estudo, as fontes históricas, como os jornais, foram o diferencial. Trouxeram informações sobre o cotidiano da sociedade, as práticas aderidas nas diferentes localidades e temporalidades, o que fez compreender as tantas formas de vestir que foram se constituindo. Além dos jornais terem sido o meio privilegiado para perceber como a sociedade pelotense se vestia no período temporal estabelecido para o estudo, com imagens e textos informativos, suas matérias nos contextualizavam sobre as ações envolvendo os modos de vestir e que refletiam os conflitos entre o que a sociedade da época admitia e o que se impunha pelo poder da mídia. Vimos a prática do topless aceita em algumas praias do território nacional, enquanto em outras praias não surgiram adeptas, quem sabe fosse pelo receio de serem reprimidas.

Mesmo assim, o recado estava dado, com a costumeira força de persuasão dos meios por onde circulava. Esta década mostrou como o vestuário pode ser usado como uma ferramenta que se por um lado vendia – e queria vender muito e para muitos - o novo, por outro insinuava um posicionamento inusitado para as

mulheres. Seja no cenário musical, no mercado de trabalho, nos momentos de lazer na praia, nas formas de protestar, as figuras que viajavam nas revistas, nos jornais, nos filmes, nas novelas e de outros modos, foram determinantes para inspirar uma ou mais gerações desta década de 1980. Desde a realeza britânica, à rainha do pop, ou à personagem de novela, roupas, cabelos, acessórios, maquiagens e tanto mais além disso, incorporavam-se nos modos e nos gostos.

A matéria do jornal O Globo, de setembro de 1980, elucida a relação entre moda e o papel da mulher na sociedade (A mulher [...], 1980). Nessa, já havia informações sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e, em outra ocasião, que não se negava o acúmulo de funções decorrente da jornada dupla trabalho-casa. A inserção no mercado de trabalho pode ter sido considerada pelas fontes da época uma conquista marcada por conflitos, e o vestuário foi comportando-se como ferramenta para adequar tal ingresso: a roupa inspirada no que já existia para o homem, foi utilizada para informar aqueles valores que não se costumava ver nas mulheres: seriedade, poder, autoridade, imposição de respeito e conquista de espaço. Foram esses aspectos identificados tanto nacionalmente quanto nessa cidade que sempre ocultou o fato de que as estâncias **e os negócios dos estancieiros** eram tocados, em grande parte pelas mulheres, que as viúvas dos industrialistas e comerciantes, assumiam os negócios mantendo o nome dos maridos, que as operárias, que costumeiramente ganhavam menos do que os operários, cumpriam funções suas e outras dos homens. Tal sociedade positivista, que durou além do positivismo, recusou o topless, mas não pode resistir às mudanças. A roupa feminina mudava e as mulheres, também.

REFERÊNCIAS

A LINHA Bronzeado. *Diário Popular*, Pelotas, 31 dez. 1989. Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

A MULHER no mercado de trabalho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 set. 1980. Acervo O Globo.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

BARBOSA, M. *História cultural da imprensa*: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BONADIO, M. C; GUIMARÃES, M. E. A. A moda brasileira e as telenovelas: consumo e visualidade (1978-2001). *In*: SILVA, C. B.; MONTELEONE, J.; DEBOM, P. (org.). *A história na moda, a moda na história*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 155-180.

BRAGA, J. *História da moda*: uma narrativa. 4. ed. rev. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CALANCA, D. *História social da moda*. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

COCHRANE, L. *50 ícones que inspiraram a moda*: estilistas. São Paulo: Publifolha, 2015.

CRANE, D. *A moda e seu papel social*: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

DIA das mães. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 maio 1980. Acervo O Globo.

DUAS moças de "topless" agredidas em Ipanema. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1980. Acervo O Globo.

EM LOJAS Renner tudo são flores. *Diário Popular*, Pelotas, 9 set. 1980. Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

HAMBURGER, E. I. A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 153-175, 2007.

HOLLANDER, A. *O sexo e as roupas*: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LURIE, A. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MESMO sem topless, praia do Laranjal têm grande movimento. *Diário Popular*, Pelotas, 17 jan. 1980. Acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PROJETO põe a mulher em igualdade com o homem na sociedade conjugal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 maio 1980. Acervo O Globo.

REED, P. *50 ícones que inspiraram a moda*: 1980. São Paulo: Publifolha, 2014.

RIELLO, G. The object of fashion: methodological approaches to the history of fashion. *Journal of Aesthetics & Culture*, Abingdon, v. 3, n. 1, 2011.

SCAIZO, M. *Trinta anos de moda no Brasil*: uma breve história. São Paulo: Editora Livre, 2009.

SCHMITT, J.; SANCHEZ, G. Gênero e moda: do binarismo à tendência agender. *In*: SILVA, C. B. da; MONTELEONE, J.; DEBOM, P. (org.). *A história na moda, a moda na história*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 229-246.

STEVENSON, N. J. *Cronologia da moda*: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TOPLESS de norte a sul, o tema preferido do verão 80. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1980. Acervo O Globo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001